

DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# O MINEIRO

Por MANUEL FERREIRA

**E** LO, negro de fuligem, trabalhando, de sol a sol, nas minas de carvão da França.

Trabalha e canta, pois é português e tem sempre nos lábios um sorriso de alegria.

Revolve a terra adoptiva com a enxada e a pá. Lá no fundo, tudo é negro.

De vez em quando, lembra-se da Pátria distante e suspende, enlevado, a sua faina.

Chama-se António. E, nesse brumoso dia de Natal, sentia-se, mais do que nunca, desamparado e só, em terra estranha.

A hora da consoada aproximava-se. E quando o companheiro Adolfo, outro português mineiro, lhe viera recordar o Natal da aldeia, algumas lágrimas caíram pelo seu rosto.

— «Homem, como estarão por lá os nossos?...»

— «Melhor do que nós» — respondeu Adolfo, com um olhar saudoso e vago.

— «Raro é escreverem-nos. Vivemos aqui desterrados, quasi sem lar. Deixámos a terra-mãe na miragem da fortuna e regressamos a ela apenas com ilusões...»

Adolfo sorriu-se e disse:

— «E' verdade, António. Ainda na semana passada eu fui a Portugal.»

— «Como?» — perguntou António, com curiosidade.

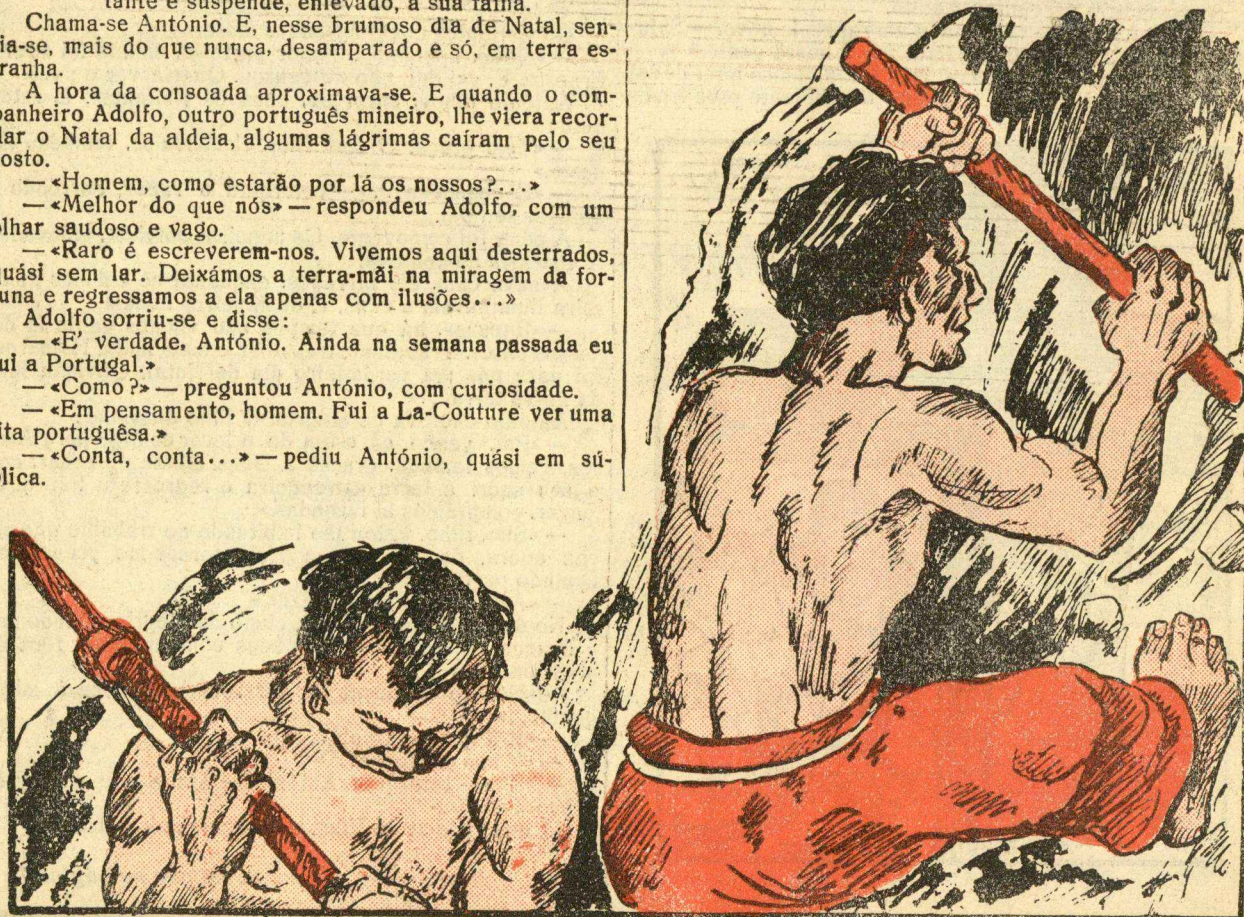
— «Em pensamento, homem. Fui a La-Couture ver uma fita portuguesa.»

— «Conta, conta...» — pediu António, quasi em súplica.

— «Vi uma fita que nos mostrava tôda a beleza da terra. Desde o Minho, do vira e dos descantes...»

— «Onde fica a nossa aldeia?...» — interrompeu António.

— «...Ao Algarve das amendoeiras em flôr, eu per-





corri o nosso Portugal tão lindo e tão distante. Admirei as canções do Ribatejo e as dansas dos pauliteiros da terra fria. Fiquei encantado! E, não sei como, aumentou em mim aquela... como direi?... Aquela coisa que me puxa para a terra...

— «Saudade?»

— «Sim. Essa palavra que só em Portugal existe e que o estrangeiro não compreende.»

Ouviam-se passos, lá fóra. Alguns homens, bem vestidos, surgiam ao pé das camaratas onde os portugueses preparavam a pobre consoada.

— «Bom dia, rapazes! Que Deus esteja convosco!»

Os mineiros levantaram-se, dizendo:

— «Gente da nossa Pátria? Sejam bem-vindos!»

Alguns correram a abraçar os recém-chegados.

— «Então, como vai lá o nosso Portugal? Onde são?» — perguntaram os mineiros.

— «Somos do Minho, perto de Braga.»

— «Donde?» — perguntou Adolfo.

— «De Amares — respondeu um rapazola novo. — Saímos a grande do Natal e viémos ver a nossa gente.»

— «Fizeram bem, rapazes. Nós trabalhamos aqui de sol a sol e não conseguimos amealhar o suficiente para irmos

visitar a terra. Nunca esquecemos a Pátria, a nossa aldeia, a família... Mas... quê? Só queremos aparecer lá quando tivermos um bom pé de meia.»

— «Daqui até lá...» — tornou outro operário.

— «Hoje, para nós, é dia grande — exclamou António — Vemos gente da nossa terra. Eu sou de Amares. Deixei lá a mulher e um cachopo. Era um garoto pequeno... Algumas vezes foi, comigo e com a minha Joaquina, à feira de S. Gonçalvo. Hoje, deve estar um homem... Quanto desejava vê-lo...»

Os visitantes cochichavam e disseram:

— «Quem apanhou a maior parte da taluda foi aqui o Ernesto. E, vai daí, não descansou. Queria ver o pai.»

António olhou, surpreso, para os visitantes. E retorquiu:

— «Tem graça. O meu filho chamava-se, também, Ernesto.»

— «E chama-se...» — retorquiu o rapaz, correndo a abraçar seu pai.

A cena foi comovente. Os mineiros sorriam, enlevados. A vozaria aumentava.

A neve caía, em farrapos, enquanto as chamas da lareira iluminavam a cena. E os mineiros diziam:

— «Rapazes, há que tempos não viamos gente lá dos tossos sítios. Trabalhar, trabalhar e mais nada. Hoje é que foi para nós um verdadeiro dia de Natal. Ouvimos falar da nossa terra...»

António chorava de alegria. O filho disse-lhe:

— «Pai, venho cá a-fim de o levar comigo para Amares. Temos fortuna, graças a Deus. Deixe de regar, com o seu suor, a terra estrangeira e regresso à Pátria. Se quiser, compramos lá fazendas.»

— «Sim, filho. Estou tão habituado ao trabalho que não vou agora, do pé para a mão, tornar-me preguiçoso. Quando partimos?»

— «Amanhã, se o pai quiser.»

No dia seguinte, António, cheio de alegria, abandonava a França. A despedida dos seus companheiros fôra impressionante.

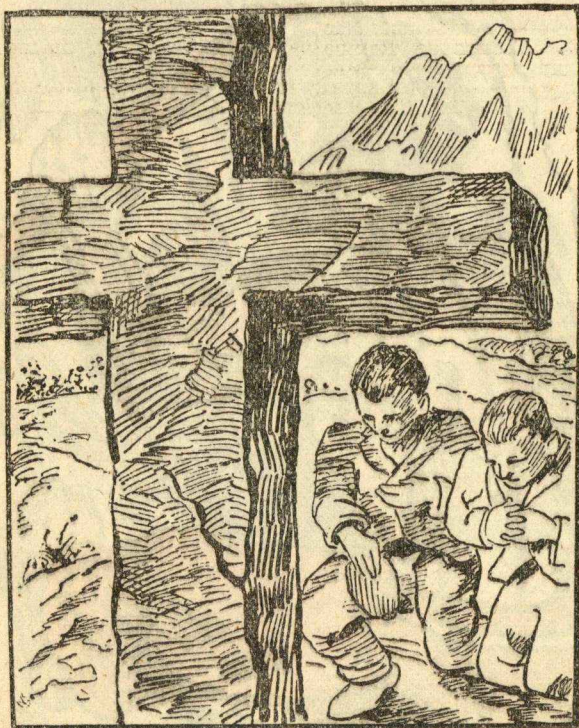
— «Não te esqueças de dar recomendações à minha gente...»

— «E à minha velhota...»

— «E aos cachopos...»

— «Sim — retorquiu António. — Assim que chegar escrevo a todos.»

E, dirigindo-se ao filho, o antigo mineiro dizia:



# BONS EXEMPLOS

Por MARIA ISABEL CORREIA

## C A R I D A D E

**C**OMO é boa e simples a caridade do povo!  
Quero, hoje, dar aos meus amiguinhos o relato de alguns casos passados na minha terra e que bem demonstram que os bons sentimentos não murcharam, ainda, de todo, no coração do Povo.

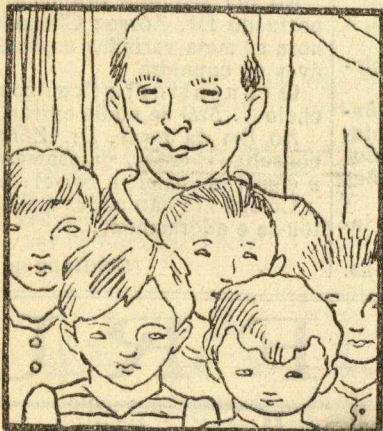
A Maria Velas, pobre, com uma carga de filhos, abandonada pelo marido, sustenta e atura, em sua casa, a sogra, vítima duma apoplexia, sem que de tal acção tire fama alguma ou proveito. Mantém-a e trata-a como se tivesse obrigação, e quantas vezes tira o sustento à sua bôca para o dar à pobre paralítica.

—«Manda-a para os filhos, mulher! — (dizem-lhe as vizinhas) — eles é que têm obrigação de a manter.»

—«Coitada! Os filhos pouco se importam com a infeliz velhota! Se ela tivesse algum vintenzinho ainda vá, mas a pobre nada tem!»

—«E tu tens alguma culpa disso?! Alguma obrigação?...»

—«Não tenho, embora! Mas procedo, hoje, como espero que um dia procedam para comigo, se eu precisar!»



## AMOR DO PRÓXIMO

O José Lomba, jornalista da minha terra, recolheu em sua casa seis sobrinhos, órfãos de pai e de mãe, por quem olha com o mesmo disvelo que consagra aos seus cinco filhos! Sem se queixar, sem alardear a esmola que faz, sem quasi sentir, à força de ser bom e generoso, o peso que representam seis bôcas numa casa.

O José Lomba só espera a recompensa de Deus e vive satisfeito com a sua consciência, o que já é um grande bem. Sempre alegre, atrás do arado que rasga as entranhas da terra-mãe, donde tira o sustento para si e para os seus, parece não sentir o peso que tomou às costas, êle, um pobre de Cristo, só contando com o seu trabalho e com a Providência Divina.

## AMOR CONJUGAL

Na casinha derruída e desmantelada do Vale de Aveleira, tudo vai de mal a pior. Dois velhos, tristes e abandonados, curtem frios e fomes, só lhes valendo a caridade incerta de quem os sabe desvalidos. Os filhos, que criaram,

foram para longe, construíram outros lares e não se lembram de quem lhes deu vida. O velho mal pode arrastar os pés, e a velha está quasi cega. O quadro adensa-se de negras cores.

Ontem mandei chamar o Manuel Vermelho. Comove-me sempre a presença do pobre velho, porque êle me fala dos meus, que a terra cobre há tantos anos, da casa, das coisas antigas, de quando eu era menina e êle era, também, novo e forte.

—«Manuel, mandei-o chamar para conversar consigo.»

—«É por causa do fôro, minha senhora?»

—«Não; não se trata agora disso. Quero propor-lhe uma coisa, Manuel; mas, antes de tudo, quero saber se o Manuel aceita ou não; o Manuel está velho e doente; já outro dia teve um pequeno ataque... pode-lhe vir outro que o deixe impossibilitado de mexer-se... Sabe que a sua mulher não está em estado de o poder tratar; além de tudo isto, os meios são poucos e eu não posso supri-los sempre. Pensei, então, que podia arranjar-lhe lugar no asilo de Alcobaça. Lá não lhe faltará nada: nem comida, nem fato, nem tabaco. Toda-via, eu não quero tratar da sua admissão no asilo, sem saber se o Manuel aceita.»

O velho desatou, logo, a chorar.

—«Eu agradeço muito à senhora a sua lembrança mas não vou; não deixo a minha mulher, coitadinha!!»

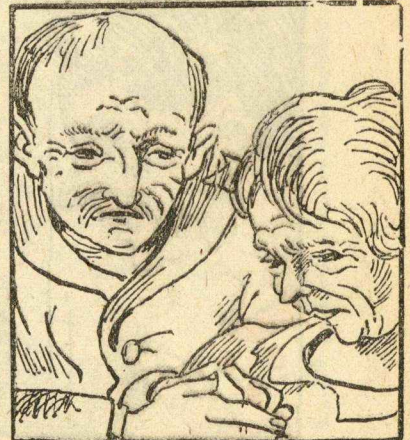
—«Mas ela ia para casa da filha, que não tem tantas necessidades como você. Não fuma, não anda calçada, de qualquer forma cá se acomodaria.»

—«Pois sim; porém, não a tornar a vêr!... Sim, porque eu, se para lá fôsse, era como se me despedisse dela para sempre!»

E o Manuel tornou a chorar.

—«E isso não há-de acontecer um dia?»

—«Embora, minha senhora: seja o que Deus quiser! Entretanto, cá iremos padecendo ambos com a ajuda de Nosso Senhor, mas eu não deixo a minha mulher, coitadinha!!»



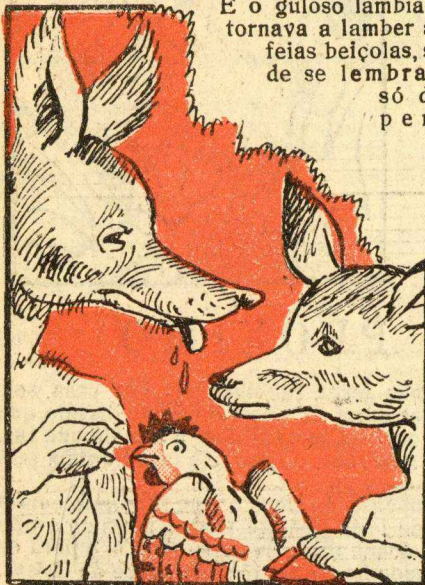
# A ESPERTEZA DO ZÔRRO

POR LEONOR DE CAMPOS

O senhor Zôrro Finório, preguiçoso e indolente, queria comer bons petiscos sem se maçar...

— «O pior é ter de trabalhar!... Se eu pudesse, sem trabalho, conseguir enviar para a minha barrigui-nha belos cordeiros, ricas ovelhas e gordas galinhas!...»

E o guloso lambia e tornava a lambar as feias beíçolas, só de se lembrar, só de pen-



sar em tão bons bocadinhos...

— «Ah! — disse êle a certa altura, depois de muito matutar, — já sei a maneira de comer excelentes petisqueiras sem me incomodar muito... Vou fazer-me um médico de fama!... O pior... é que não percebo nada de medicina... Mas não faz mal. Como sou muito espertalhão, cá me arranjarei...»

Passados dias, abriu um consultório à porta do qual colocou uma taboleta, que rezava o seguinte:

Nêste consultório do Zôrro Finório, todos os doentes dos rins ou dos dentes, do fígado ou baço, da perna ou do braço, alívio acharão. Não mais sofrerão!...

Está claro que logo começaram a afluir os clientes.

Primeiro, apareceu a senhora Corça, a queixar-se de fraqueza...

Dr. Zôrro auscultou, interrogou e declarou:

— «Isso cura-se. Não tem importância... Mas leva muito tempo... O tratamento é demorado... Você vem cá todos os dias, que eu dou-lhe umas injeções que são mesmo uma maravilha!...»

— «Injecções de quê, Dr. Zôrro?» — interrogou a senhora Corça.

— «De extracto de fígado de galinha.

Porisso você trará, sempre que venha à consulta, uma galinha nova, para eu lhe extrair o fígado a-fim-de fabricar a injeccão... Entendido?»

A senhora Corça agradeceu o interesse e prometeu vir ao tratamento.

Daf a pouco aparecia à porta mestre Leopardo, a quem um tiro perdido tinha ferido numa das patas.

— «Isso não é nada — declarou o Zôrro, depois de examinar os ferimentos... — Cura-se com um emplastro de língua de cordeiro... O que é necessário é renovar o penso diariamente... Traga-me, porisso, todos os dias, um cordeiro e verá como se cura depressa...»

O Leopardo cumprimentou e saiu.

Todo o dia esteve o Dr. Zôrro nesta faina: receitando a um, orelhas de coelho para dôres de dentes — orelhas que êle prepararia de forma especial, para lhes dar virtude —; a outro, patas de carneiro pisadas com um determinado óleo que só êle possuía... e, assim, por ai fora.

No dia seguinte era uma romagem à porta do Dr. Zôrro: Chegavam a tôda a hora as mais variadas espécies de caça e aves de capoeira.

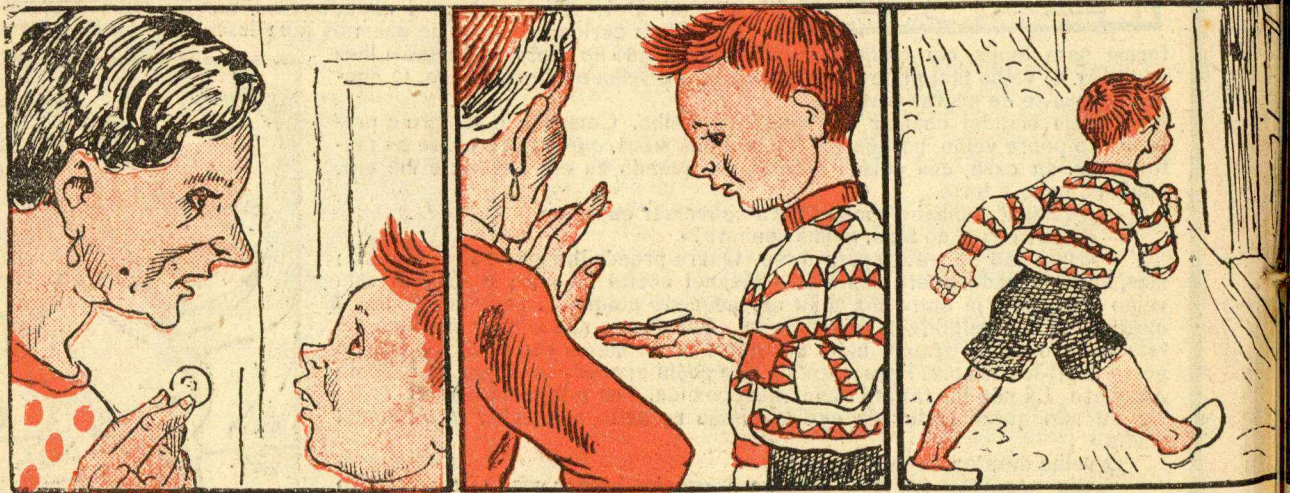
O consultório ficou completamente cheio... Mal se podia entrar...

Ao fim da tarde, Dr. Zôrro fechou a consulta. E então, gulosamente, começou a comer, a comer, a comer...

Comeu até não poder mais. Depois del-tou-se e adormeceu...

(Continua na página 8)

# A STÚCIA FRUS



A «ti» Ana do Vedor Mandou o Bitá comprar Um «papo-sêco» molinho, Para êle, inocentinho, Quando fôsse merendar.

Mas Bitá, ao ver o dinheiro, Lembra à tia já «carcassa»: — «Deve-se 'inda lá um pão...» Grita-lhe ela: — «Paspalhão! Vai-te, deixa ver se passa.»

Na padaria, o miúdo Comprou o pão e pagou Mas logo o «Zé» Arganassa Lhe perguntou: «E a carcassa Que você ontem levou?»

# DA CONFERÊNCIA DE DOM BELTRÃO SABICHÃO

POR IDALINA CARVALHO RODRIGUES  
MENÇÃO HONROSA DO CONCURSO

**T**ODA a gataria do sítio fôra convidada a assistir à conferência de D. Beltrão Sabichão, que teria logar numa velha cave.

Desde os tarecos mais amimados, aos mais reles vâdios, todos se encontravam instalados nos seus logares à hora indicada.

E' que D. Beltrão Sabichão tinha fama de grande orador!

Logo que entrou, uma grande salva de patas o acolheu.

Era um belo bichano anafado e luzidfo. Agradeceu polidamente a calorosa manifestação da gataria presente, retorceu os façanhudos bigodes, puxou os imaginários punhos da não menos imaginária camisa, assumiu um ar imponente e principiou a sua conferência.

— «Meus amigos, vou iniciar uma série de palestras que teem por fim o levantamento da nossa raça! (*Fartos aplausos se ouviram entre a felina assistência*).

— A nossa raça (*continuou o orador*) tem sido muito aviltada! Acusam-nos de velhacos, traiçoeiros e, especialmente, de gatunos.

Torna-se preciso acabar com o mau conceito que formam de nós! (*Apoiado, apoiado, gritava a gataria, entusiasmada*).

— Em primeiro lugar (*continuou D. Beltrão com calor*) vamos acabar com o principal defeito que nos atribuem. Refiro-me à gatunice. (E, com um sorriso benevolente, acrescentou.) — Eu sei que os meus amigos gostam, às vezes, de surripiar qualquer coisinha, especialmente peixe...»

Logo o «Trinca-Espinhas», com modo fadistão, gritou:

— «Olé! Se gostamos!... Eu pêlo-me por pregar dessas pirraças a tôda a peixeira que tenha a canastra a jeito da minha «unhaça»! Que belas coisas tenho surripiado.

Então, todos os bichanos e bichanas, começaram a contar as suas proezas. Só a Bilocas, gatinha amimada, de pêlo branco, e laçarote azul, mostrava ares de ofendida, quando algumas tarecas lhe perguntaram se não gostava, também, de surripiar o seu carapauzinho...

Era um barulho ensurdecador.



(Continua na página 8)

# STRADA

Por MARIA DE JESUS DOS SANTOS



Ao que Bita respondeu:  
(E fez rir a populaça)

— «Eu lembrei à «ti» Vedor,  
Mas ela, de mau humor,  
Disse: — «Deixa ver se passa!»

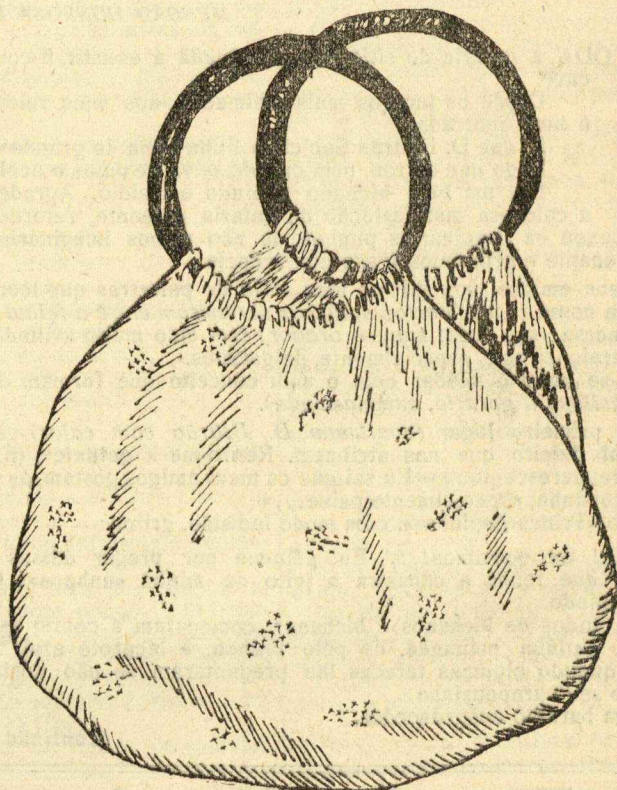
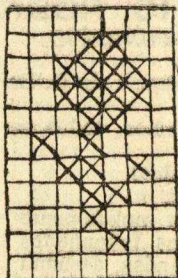
— «Pois diz-lhe lá que não passa,  
Passa p'ra cá dez tostões!»  
(Volve o caixeiro Arganassa)  
Muito embora achasse graça,  
Rindo lá com seus botões.

Meninos nunca imiteis  
A «ti» Ana do Vedor  
Porque é um grande pecado  
Enganar seja quem fôr.

# O CESTINHO da COSTURA

Por ABELHA MESTRA

Minhas  
queridas  
amiguinhas:



Há quanto tempo a Abelha Mestre não aparecia a falar com as suas abelhinhas? Mas que lhe teria acontecido? Sabem o que foi, minhas queridas? Aconteceu-lhe o mesmo que costuma suceder às outras abelhas: — mudou de cortiço!

O pior foi que, enquanto não o teve muito limpinho e arrumadinho, não pôde consagrar-se às suas abelhinhas.

E parece que levou seu tempo!

Mas, agora, vai ela, de novo, voltar a ocupar-se de vocês, pois as saúdaes já eram grandes.

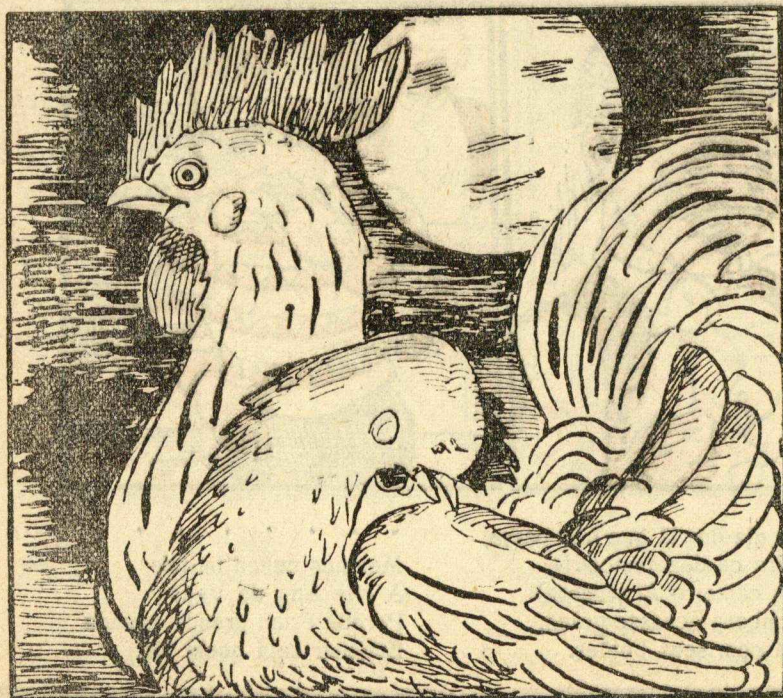
E, assim, temos, hoje, êsse saquinho de costura, reunindo em si grandes vantagens. E' útil, prático e muito fácil de fazer. Arranjam uma tira de linhagem escura, à qual dão, em baixo, uma forma um pouco arredondada.

Bordam-lhe, então, essas florinhas em ponto de cruz, na côr que mais gostarem. Depois forram a tira, fazem-lhe em cima uma bainha larga, onde se metem as argolas de madeira.

E, com pouco custo e trabalho, podem ter assim um saquinho para guardar as vossas costuras.

Abraça-as a tôdas com muita simpatia a vossa

ABELHA MESTRA.



## DONA GALINHA

Por MARIA DINIZ SIMÕES

**D**ONA Galinha  
Carcarejou:  
— Muito lampeiro,  
Galo cantou:

— «Vai pôr teu ôvo  
No cesto côvo...  
Vai mulherzinha!

Um galo pobre,  
Que não é nobre,  
Tem de ajudar  
No que puder...

Eu guardarei  
Os pintainhos,  
— Nossos meninos! —

(Continúa na página 8)

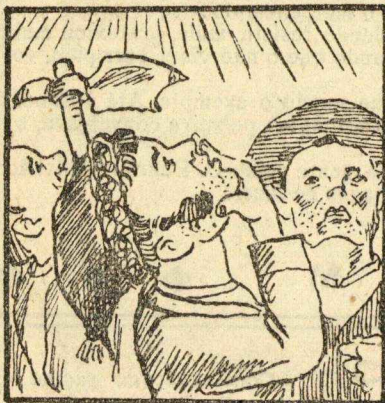
# OS HOMENS e o TEMPO

Por FELIZ VENTURA

**L**EVANTARAM-SE da terra  
Mil clamores contra o sol,  
Que êle era mau, desumano,  
Que andava tudo a queimar...

O terreno com tal seca,  
Pois não tinha inda chovido,  
Tornara-se endurecido  
Sem se lhe poder tocar;  
E era já mais do que tempo  
De o grão à terra lançar.

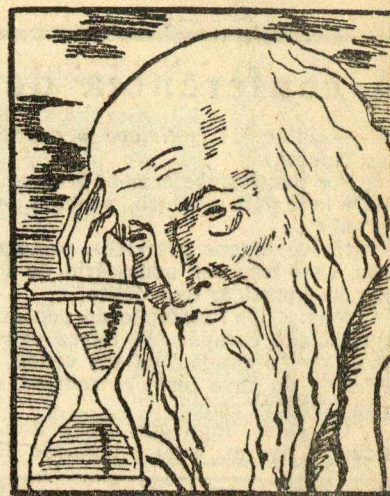
O sol, ouvindo tudo isto,  
Acabou por resolver  
Que, durante muitos dias,  
Não tornaria a apar'cer.



Então, vieram as nuvens  
E começou a chover.

Claro que os primeiros tempos  
Correram sem novidade;  
Mas, passados uns três dias,  
Já do sol tinham saúde.  
Achavam água de mais  
E dizia tôda a gente  
Que essa chuva, impertinente,  
Tudo havia de ruir.  
Mas ela, sempre a cair,  
Sua canção a cantar,  
Não se ralava com isso.  
Sempre, sempre indiferente,  
Fazendo a todos zangar.

Passado mais algum tempo,  
Vendo o céu inda tão feio,  
Tudo se encheu de receio  
E começaram dizendo,  
Cheios de grandes cuidados:  
— «Nós desejámos a chuva  
Mas fomos bem castigados!  
Se nos tivesse lembrado,  
Tínhamos, antes, pedido  
Para vir o nevoeiro.  
Ficavam bons os terrenos  
E não vinha êste aguaceiro.»



Mas, por mera coincidência,  
Ou não sei porque seria,  
Logo no seguinte dia  
Estava tudo cerrado...  
Nevoeiro tão fechado  
Que nada mesmo se via.

Levantam-se, novamente,  
Grandes protestos violentos,  
Pois qu'riam o nevoeiro  
Mas só durante uns momentos.

Então, o vèlhinho Tempo  
Resolveu não se ralar.  
Com o que êle lhes mandasse;  
Teriam que se agüentar,  
Pois uma coisa difícil  
È os homens contentar!

## O MINEIRO

(Conclusão da página 2)

— «Quantas vezes eu pedi a Deus que me não deixasse morrer em terra estranha. Deus ouviu-me e, no próprio dia de Natal, fez-me deparar a fortuna, o filho querido e o regresso à Pátria...»

E, passando por um cruzeiro na serra, António e o filho ajoelharam, dizendo:

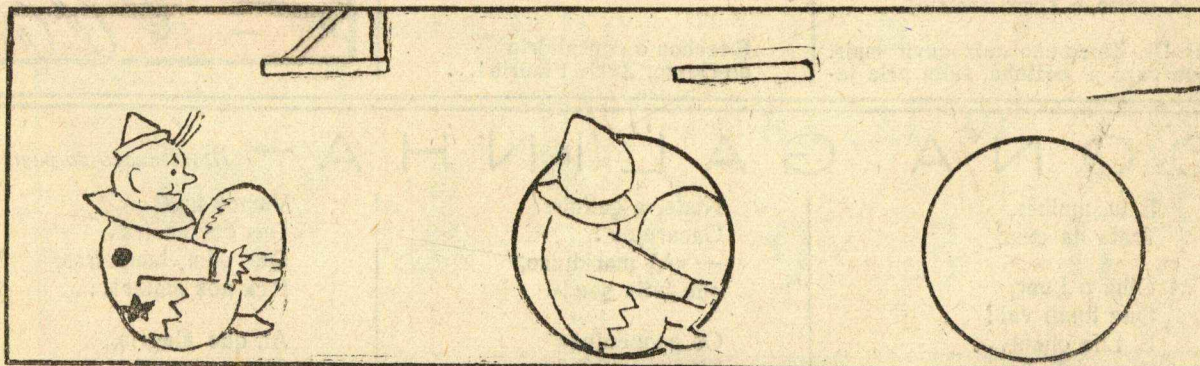
— «Bendito seja Deus!»  
E rezavam:  
— «Padre Nosso, que estais nos céus, abençoai Portugal!...»

F I M

VÊR NO PRÓXIMO NÚMERO:

CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS

## L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um palhaço a dar uma cambalhota

## A conferência de Dom Beltrão Sabichão — (Continuado da página 5)

— «Silêncio! (intimava o orador, agitando, muito nervoso, o guiso da sua cozeira.)

Por fim, restabeleceu-se a ordem, e D. Beltrão Sabichão pôde continuar: — De hoje para o futuro, nenhum de vós jamais roubará! (gritou ele, em voz forte.)

Houve alguns protestos, principalmente da parte dos bichanos vândios, mas, visto isso ser necessário ao levantamento da raça, prometeram todos não mais praticar esse delito.

Mas... Oh! tentação do pecado!... Neste momento, passa uma peixeira apregoando carapáu. E, talvez cansada e desejosa de dizer outra coisa que não fôsse o pregão da sua venda, pousou a canastra no chão, mesmo junto à janela da cave onde se reüniam os bichanos, começando a tagarelar com uma freguêsa amiga.

Os gatos, logo que viram a canastra com os luzídios carapáus ao seu alcance, tiveram logo a tentação de se atirarem a eles, mas lembraram-se, a

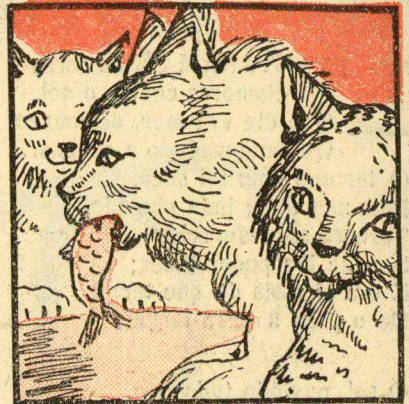
tempo, da promessa que haviam feito. Suspiraram, relanceando olhares pesarosos ao belo manjar. D. Beltrão Sabichão, também não ficou insensível ante tão bom petisco. Ele que gostava tanto de carapáu!... E aquele tão fresquinho, que parecia prata, estava mesmo a tentá-lo!... Mas um gato é um gato!... (pensou ele.)

Vendo que a assistência já pouca atenção lhe prestava, gritou bem alto: — «Meus amigos, resisti à tentação, segui o meu exemplo!»

Mas a canastra atraí-o... e, não podendo resistir mais, pretextou muito calor, foi até à encantada janela, e, julgando que o não viam, surriprou, com presteza, um carapáu.

Então, tôda a gataria imediatamente lhe seguiu o exemplo. Até a Bilocas, se não foi a primeira, também não foi a última! A peixeira conversava, e o peixe desaparecia.

Meus meninos, infelizmente, há muita gente como D. Beltrão Sabichão! Aconselham aos outros, o que não são capazes de fazer.



◆ ◆ ◆ F I M ◆ ◆ ◆

## A esperteza do Zôrró — (Continuado da página 4)

Na manhã seguinte, ainda na cama, Dr. Zôrró desatou a cantarolar:

Toca a levantar...  
Os parvos doentes  
estão a chegar,  
com belos presentes  
p'ra eu mastigar...

Mas inda não tinha acabado a cantar, quando sente as portas arrombadas e uma multidão furiosa a avançar, a avançar, a gritar, sempre a gritar:

À morte, o Zôrró Finório!...  
À morte, o Zôrró Finório!...

O Dr. Zôrró não quis ouvir mais. Foge para a cozinha, salta pela ja-

nela das trazeiras... e, a tôda a velocidade, desapareceu, sem que nenhum bicho lograsse tornar a vê-lo...

Porque, êle que era finório, logo percebera o que se passava: Com os tratamentos que fizera, com os remédios que receitava e as injeções que aplicava... os doentes tinham piorado! E eram êles, agora, que vinham pedir-lhe contas das suas más acções, gritando:

À morte, o Zôrró Finório!...  
À morte, o Zôrró Finório!...

E fechou o consultório  
do Doutor Zôrró Finório!...



## DONA GALINHA — (Continuado da página 6)

E tu, mulher,  
Trata da ceia;

Olha o Luar,  
Que lindo vai!  
E' Lua cheia...  
Parece dia!...  
Vamos cantar,  
Ai que alegria!»

Nisto, a galinha  
Cacarejou:  
— «Ai maridinho,  
que feliz sou!»

Os pequeninos  
'stão crescidinhos...  
Nossas canseiras  
Vão acabar!...

Vamos fugir  
Das cozinheiras,  
Que vêm, lampeiras,  
P'ra nos matar!...

Ai, que alegria,  
Olha o Luar!  
Parece dia...  
Toca a safar!...